



registros geológicos (2021-2023)

Felipe Prando



registros geológicos (2021-2023)

Felipe Prando

Ficha Técnica

Fotografias: Felipe Prando

Texto de apresentação: Felipe Prando

Texto: Ronaldo de Oliveira Corrêa

Revisão de texto: Renata Maria Santos Ferreira

audiodescrições: Wandy Kerima de Carvalho

Design Gráfico: Caroline Schroeder

Tratamento de imagem: Daniel Nitzsche

A produção deste fotolivro integra o Projeto de Extensão - UFPR

“Atlas: fotografia, território e paisagem” coordenado pelo autor deste livro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elaborado por Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Prando, Felipe

Registros geológicos (2021-2023) [livro eletrônico] /

Felipe Prando. – 1. ed. – Curitiba, PR : Ed. do Autor, 2024

PDF

ISBN 978-65-01-199983-2

1. Ensaios 2. Fotografias 3. Paisagem –

Fotografias I. Título.

24-234549

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

REGISTROS GEOLÓGICOS (2021 - 2023)

Felipe Prando

A superfície e a atmosfera da Terra estão afetadas de forma inédita pelas atividades humanas. A massa de materiais produzidos pela ação humana tem dobrado a cada 20 anos e nos últimos 2 anos ultrapassou toda a biomassa viva global. Vivenciamos uma nova época geológica caracterizada pela intervenção humana extrema na natureza através do aumento do consumo de recursos naturais, minerais e fósseis, da expansão dos terrenos de cultivo, das cidades, das infraestruturas e rotas de transporte. A produção e o acúmulo de objetos feitos pelo homem é tão grande e intensa que mesmo desaparecendo da superfície terrestre todas as construções humanas, ainda assim teríamos um registro geológico extremamente bem definido.

As fotografias que compõem este ensaio, realizadas nos 28Km da Estrada da Ribeira que liga as cidades de Curitiba e Colombo, propõem um olhar lento para o território como um lugar incerto e impreciso. O ensaio **Registros Geológicos (2021 - 2023)** tem o propósito de refletir sobre nossas formas de habitar, experimentar, transformar e sermos transformados pelos espaços que nos rodeiam e indagar sobre como fazer visíveis os sujeitos políticos (humanos e não humanos) desta nova paisagem que surge no século XXI.









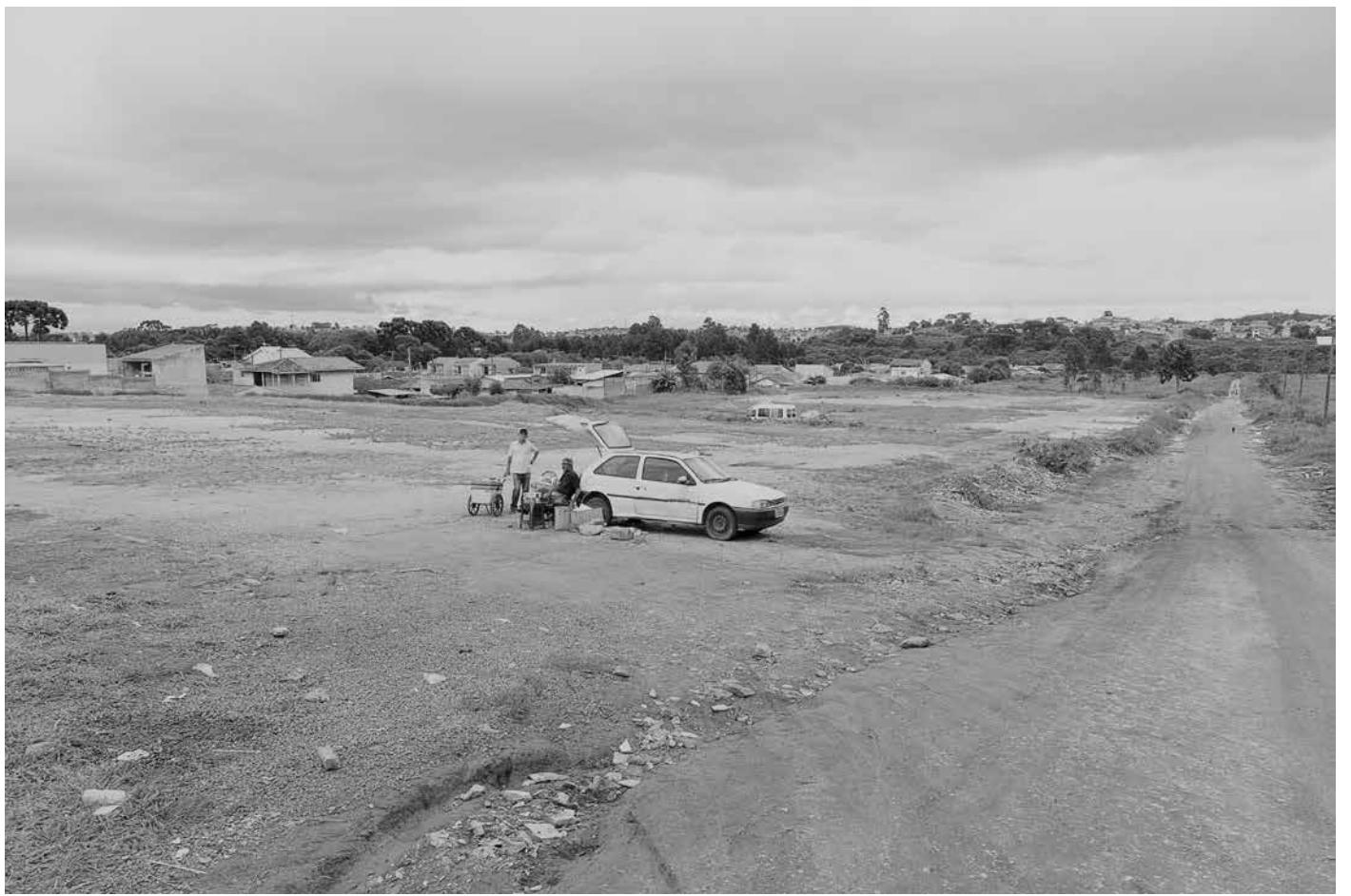




16



17









24



25





28



29





32



33







38



39







44



45



O MUNDO EM UMA SÉRIE DE IMAGENS

Ronaldo de Oliveira Corrêa

Susan Sontag, em um ensaio escrito nos anos 1960¹, convocou-nos à reflexão sobre a resistência das imagens ao nosso desejo de destruí-las por meio da interpretação, logo, pelo juízo. Para a autora, a interpretação disciplina os conteúdos expressivos contidos nas imagens, esvaziando-as de conteúdos sensíveis e colocando em seu lugar descrições infinitas e juízos definitivos.

A essa resistência à relação de forças da imagem, a autora denomina de erótica, ou seja, a capacidade da imagem resistir a sua conversão em objeto. Essa resistência é produzida pelo ativamento do sensível das pessoas que as veem em meio a esse campo de forças. Para Sontag, as imagens contêm uma dimensão opaca, que resiste ao seu esgotamento pela interpretação, por mais que infinita.

Importante atentar que, para a autora, a resistência da imagem nos devolve a dimensão da experiência, produzindo um tempo preenchido pelo agora, que, de igual forma, nos convoca a conhecer as coisas pelas suas resistências e trânsitos.²

Retomando a série de imagens fotográficas de Prando, resta-nos perguntar como elas resistem?

Parece-me que essa série de fotografias constituem uma busca pelo que há de fotográfico na fotografia. O artista-fotógrafo nos

¹ SONTAG, Susan. Contra a Interpretação. In: SONTAG, Susan. *Contra a Interpretação e Outros Ensaios*. 1a. ed.

São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 15-29.

² Essa perspectiva também é proposta por Benjamin em BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. 2a. ed; 3a. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 07-20.

apresenta o mundo, seus vazios e restos, como um sintoma que se contrapõe significados estabelecidos nesse momento. Abusando das aproximações com as teorias do sujeito, Prando nos apresenta uma série de imagens arquetípicas e primordiais sobre o que falta ao mundo, a saber, vazios, espaços, rastros, silêncios.

As imagens da série, por suas articulações simbólicas, são produzidas como representações da reflexão do artista sobre o mundo como um lugar estranho e exterior. Um mundo que parece não se ter mais para onde ir, como o caracterizou Garcia-Canclini.³

Prando constitui um mito sobre nossa ausência no mundo, um mundo sem humanidade. Contradicoramente, o mito do mundo sem humanidade, ativador da angústia de quem vê a série, produz o desejo de seu (re)encantamento. Os horizontes vazios que vemos, os restos e marcas incluídos nas imagens, são utilizados para tornar presente essa vacuidade. Produzem o efeito de transcendência de um mundo presente, inconcluso, fragmentado.

Entender dessa forma nos faz reconsiderar a série. No desejo de (re)encantamento, passamos a encontrar, no acionamento de um tempo reversível – eventual, sobreposto e não cronológico –, as personagens existentes nos vazios. São figuras descontínuas, sem uma narrativa ou ação definida. Um homem em uma moto aguarda. Uma mulher e uma criança caminham. Dois homens velhos conversam. Nesses eventos pequenos, quase imperceptíveis, contidos na vastidão da fotografia, o artista nos alerta sobre a continuidade da existência e do mundo.

³ GARCIA-CANCLINI, Néstor. *O mundo inteiro como lugar estranho*. In: GARCIA-CANCLINI, Néstor. *O Mundo Inteiro como Lugar Estranho*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. p. 55-72. Neste texto, o autor afirma que uma experiência do mundo contemporâneo é o “sentir-se em casa com estrangeiros”, uma estraneidade como consciência de um desconforto decorrente da perda de identidades e paisagens nas quais antes nos reconhecíamos.

Nesse procedimento de inclusão de tudo o que for possível, a série mostra-se como uma trama relativa, um emaranhado de rituais cotidianos, de gestos e de espaços, que não desaparecendo por completo do campo das fotografias, necessariamente, não fazem sentido, mas relatam uma ação sobre o real. Esses entrelaçamentos surgem, produzem efeitos, constituindo um outro imaginário sobre o mundo.

Ao olhar e olhar mais uma vez para a série, ela nos convence de que vivemos em um mundo que não se sustenta mais. Dito de outra forma, e aproveitando livremente das palavras, as imagens da série nos lançam de volta às profundezas de uma bacia semântica em que as possibilidades de imaginar tempos, espaços e personagens e a falta de lógica dos eventos produzem um imaginário potencial sobre o mundo. Um imaginário da descontinuidade e do vazio significativo, onde continuar a viver parece ser destino e condenação.

Por fim, a resistência dessas imagens se dá em relação ao desejo fetichista do seu esgotamento pela plasticidade exuberante, pela interpretação e pela homologia com o mundo da “sociedade das imagens”. Dito de mais uma forma, Prando e suas imagens nos tornam sensíveis ao próprio do mundo, sua nudez profundamente nossas. Ajuda-nos, com isso, a compreender como tratar o que não sabemos como falar, ou mostrar, uns para os outros.

Outono, 2024.



52



53











AUDIODESCRIÇÕES



p.07



p.08



p.09



p.11



p.13



p.35



p.37



p.38



p.39



p.41



p.14



p.15



p.16



p.17



p.19



p.43



p.44



p.45



p.47



p.52-53



p.21



p.23



p.24



p.25



p.27



p.54-55



p.56-57



p.58-59



p.60-61



p.62-63



p.28



p.29



p.31



p.32



p.33

LEI DE
INCENTIVO À CULTURA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA,
DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, DO MINISTÉRIO DA CULTURA E DO GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-65-01-19983-2

A standard 1D barcode representing the ISBN number 978-65-01-19983-2.

9 786501 199832